



Padre Marcos Antônio Cavanis: a coragem de ousar

No ano 1854, ano seguinte à morte do Padre Marcos Cavanis, um “estimador e amigo” publicava em Veneza um libreto com este título: *Cenos Biográficos do M.R.P. Marcantonio dos condes Cavanis, instituidor zelosíssimo da Eclesiástica Congregação das Escolas de Caridade*. O anônimo autor do livrinho define Padre Marcos como: “homem piedoso, prudente, douto, sagaz, constante, indestrutível... de fantasia vivíssima e sempre renovada, agilíssimo nas suas frases lapidares sempre frequentes, sem mordacidade e sem sátira...”. Ainda hoje a longa vida de Marcos é uma Escola de

Caridade na mais generosa dedicação à educação da juventude.

A coragem de ousadia na fé.

O jovem Marcos Antonio, ainda leigo, no seu relacionamento com o irmão, Padre Antonio Angelo, já sacerdote, e com tantas outras pessoas amigas ensina, em primeiro lugar, a coragem de ousar. Ousar a crer na juventude e na educação. Ousar a fazer-se pequeno com os pequenos, débil com os sem poder, último com os últimos, para “ser todo de Deus” para ser completamente para os jovens e com os jovens, através da doação de si mesmo.

Faz tudo isto com argúcia incomparável, sem tantas palavras: as obras de Deus, não se dizem; são e basta. Conservará o seu modo empreendedor e longimirante, confiante até ao extremo “na amável Divina Providência”, até o fim da vida, também quando impossibilitado de caminhar, ele que tinha caminhado tanto; também quando cego e já sem condição de escrever, ele que tinha escrito toantíssimo; também quando “undique angustiae” (angústias de todo lado e tipo), morte de dois jovens confrades, dívidas, o imóvel do instituto feminino confiscado e colocado a leilão público pelo governo, falta de vocações: parecia definitivamente vencido. Não obstante tudo Padre Marcos olhava pra frente, fazia projetos, sentia confiança e sabia que o Senhor levaria a bom termo a obra iniciada. Continua a ousar: “Dos espinhos surgem as rosas: deixemos que Deus faça acontecer”, assim dizia. Tinha desafiado a opinião pública que queria que os pobres não frequentassem as escolas públicas mas as “escolinhas” de iniciativa privada “nas quais acolhesse a juventude mais desprezada, que dificilmente se veria nas escolas públicas”, porque os pobres teriam contaminado a escola pública, portanto: “não encher as novas instituições da ralé da plebe, tirando-lhes assim de toda decência e bom conceito” (Gaspari Gozzi, Escritos, sob o cuidado editorial de Niccolo Tommaseo - vol. II pag. 343 – Professores da Universidade de Padova do século XIX). Padre Marcos lutou com todas as suas forças para que as Escolas de Caridade fossem realmente de caridade, isto é, para todos, sem distinção e diferenciação social e ideológica, econômicas ou culturais. A caridade não divide nem cataloga os rapazes ou os jovens: escola e educação para todos, crianças do gênero masculino e do gênero feminino, ricos ou pobres. Realmente para todos.

Para ousar sempre, Padre Marco demonstrou de saber “tratar” com o Senhor, “pelas estradas do não e daquilo que possa parecer impossível, com Deus, se chega ao sim”. Fez-se “mestre” no saber codividir a esperança contra toda esperança e os frutos de

seu trabalho e do estudo, sem por isto crer-se ou mostrar-se superior a alguém. Ousou sempre porque sabia que o Senhor “faz tudo”. Bem longe dele qualquer atitude de protagonismo: “Quando vocês me enviaram aqui, vocês levantaram e desdobraram a vela do navio que estava parado, mas a que serve a vela se não sopra o vento? Eu sou a vela grossa e pesada que não serve pra nada, mas se vocês a enchem de força com o fervor do Espírito e com a oração acontecerá coisas maravilhosas! E o mérito maior será vosso”. (PMA VI, 77) O amor do Senhor o movia continuamente e o tornava, segundo as necessidades das escolas: peregrino, mendicante, devoto do exemplo dos Santos, companheiro de viagem, visitador humilde e atento, defensor paciente e perseverante do direito de cada rapaz à educação e de uma vida digna. A sua longa vida não foi somente um constante viajar no sentido geográfico, mas também um contínuo procurar no sentido espiritual: cada dia recomeçava da fé, de Cristo com Maria; dela tudo vinha para o crescimento das Escolas de Caridade que sempre mais se identificaram com a Congregação Cavanis.

Este era o ensinamento que tinha recebido desde pequeno na casa paterna. E ele o vivia ao pé da letra, com humildade, sem esnobar-se como primeiro da sala, também quando devia dar exames difíceis para a sociedade e a sua consciência lhe dizia que devia cantar fora do coro dos “bem-pensantes” da sua época. Cantou, ao contrário, no “coro dos santos” da época, quase todos conhecidos por ele em amizade fraterna: São Gaspar Bertoni, Santa Madalena de Canossa, Antonio Rosmini, Luigi Provolo, San Ludovico Pavoni... A conclusão do volume VIII do Epistolário e Memórias, o Padre Aldo Servini, Postulador da Causa de Beatificação, escreve a respeito de Padre Marco: “Era o homem da ação. Sem ele a Congregação dificilmente teria nascido e teria sobrevivido. Ele era feito para não esperar jamais as coisas: cada minuto de espera era para ele um tempo perdido, tempo de sofrimento...

E, no entanto, tocou realmente para ele, no desígnio da Providência, um exercício longo e sem fim da paciência... E não era somente as esperas intermináveis nas antecâmaras dos grandes, mas aquelas bem mais pesadas e tristes de ver sempre mais distanciar-se o desenvolvimento da Obra; aquela das dificuldades e dos suspenses de tantas práticas que tantas vezes devia repetir com a perspectiva de perder tempo e cansaço... guiado por uma prudência excepcional, soube fazer uso da paciência com tanta serenidade de espírito, força e constância que causam

admiração... Quando se o sente agitar-se e sofrer não é para si, mas para a juventude cujo bem ele busca a todo custo...". Vida cristã e religiosa a sua! Eficiente e transparente na pobreza jovial, na castidade serena, na obediência humilde e devota ao Senhor, ao irmão maior e à comunidade! Amigo e servo de todos fazendo-se sacerdote e religioso da Congregação das Escolas de Caridade, no relacionamento com o irmão e os outros confrades do Instituto, com os colaboradores leigos e os jovens das escolas, vive uma amizade profunda feita daquela diaconia permanente que é guardiã de piedade, mestre de humildade e fonte de alegria e de bom humor. Padre Marco foi o tipo de amigo que todos poderiam ter querido e muitos tiveram a graça de ter: franco, sincero, alegre e a quem agradava brincar e romper a monotonia do cotidiano com frases inteligentes e alegres. O seu foi o sacerdócio da alegria, da busca de santidade, da sabedoria nos conselhos espirituais. Quando morreu todos o choraram como se chora a morte de um amigo. Chorou-lhe o irmão, chorou-o os confrades, os meninos das Escolas, muitíssimos venezianos: perdemos um amigo. Para Padre Marcos foi claro o discurso de Jesus: não vos chamo mais servos mas amigos...

A amizade-serviço, segundo o estilo de Jesus, pertence à ordem do espírito e não à ordem do sangue. Os santos são todos amigos, amigos de Deus, amigos do homem. Nas suas viagens, particularmente em Roma, visitava as igrejas e as casas onde tinham vivido os santos, com a devoção e o desejo de encontrar os amigos. Amigo dos pobres, sobre tudo, porque com o pobre a amizade é absolutamente gratuita e o serviço puro, como ensina o Evangelho; eles não podem retribuir-te, ao invés, os grandes, no tempo do poder, são "amigos" inúteis, inimigos terríveis. Padre Marco foi o amigo livre e fiel para cada estação da vida. Amigo, guia seguro e de confiança para tantos jovens e rapazes que sempre o esperavam com ansiedade, ao retorno das suas longas viagens. Como verdadeiro amigo via também os limites e as resistências dos jovens, dos confrades, dos colaboradores e como verdadeiro amigo não fazia notar a terceiros mas com delicadeza e sinceridade, com firmeza e respeito sabia corrigir. A vida na comunidade da "Casetta", a primeira residência dos Cavanis depois de ter deixado a casa paterna, era feita de amizade. Na vida é fácil ter companheiros, confrades, aliados, simpatizantes, apoiadores de vários tipos mas é difícil encontrar amigos verdadeiros da categoria do Padre Marcos, leal e forte ao mesmo tempo. Amigo forte e grande como um "tesouro" ele foi para o irmão Padre Antonio Angelo,

para os primeiros confrades, para os colaboradores leigos homens e mulheres, para rapazes e jovens de ambos Institutos. Padre Marco “assume o cuidado das mesas” e das necessidades das Escolas e dos jovens sem jamais lamentar-se das dificuldades ou das incompreensões: da cruz vem a perfeita alegria. Diante de “tantos pobres filhos dispersos” muitos “sacerdotes e levitas” do seu tempo, podem passar direto, Padre Marco, bom e zeloso samaritano sempre em viagem, não! Deixa tudo e se faz último e servo de todos, se move de compaixão, inventa sempre alguma coisa nova, ajuda, põe o óleo e o vinho da bondade contagiosa sobre cada ferida. Investe naqueles que eram considerados rejeito da sociedade, investe em uma obra de educação de longo prazo. Padre Marco sabe que uma educação construída sobre a expectativa de resultados imediatos é como uma casa construída sobre a areia; é como a obra de um agricultor estulto que planta hoje e quer colher amanhã; é simples procura de satisfações pessoais. Seguindo a palavra de Jesus, Padre Marcos socorreu, pagou pessoalmente, portanto, “terá a vida” segundo a promessa! “Os ímpios se esforçam a levar à ruína os jovens e os bons colaboram com a sua... omissão. Como é possível que ninguém se desperte para impedir tantas feridas e que ninguém compreenda quanto é fundamental um cuidado assíduo e paterno aos jovens?” (PMA VII, pag 120/139) No trigésimo da morte justamente será chamado por todos, em Venezia, “Pater Pauperum” (pai dos pobres). Somente quem tem coração de pai descobre os pobres, lhes serve alegremente como amigo e “revela” o rosto do Pai.

... porém, a maior de todas as coisas é a Caridade

Que coisa pode dizer Padre Marcos, hoje, a quantos se dedicam à educação da juventude, aos pais, aos professores, aos catequistas? Ele que tinha feito do ensinamento do catecismo a sua alegria e a sua ocupação cotidiana, aos operadores na pastoral e no voluntariado? A todos Padre Marcos ensina, também hoje, que cada criança, cada jovem está em perigo e custa o Sangue precioso de Cristo. A todos ensina que padres e mães não são aqueles que geram, padres e mães

são quantos transmitem amor, a quantos educam ao amor e à paz. Só o amor/Caridade, é maior que vida. Por esto amor vale a pena morrer. “Quando no moinho não terá mais trigo para moer, a Divina Providência seguramente nos mandará outro...” (PMA VII, 78) A caridade terminará, aqui sobre a terra, quando terminarão as necessidades dos pobres e dos pequenos, mas continuará no céu para sempre! Por caridade e com caridade Padre Marcos lutou contra governos e burocracias várias, insensibilidades e ameaças, supressões e proibições, porque... não há nenhuma lei no mundo que possa proibir a caridade ou as obras da Caridade! “O título pelo qual nos dispomos a cultivar a juventude é sagrado, porque deriva de um sentimento de caridade”. Assim escrevia com genealidade o Padre Marcos. Na última carta, ditada cinquenta e oito dias antes de fechar a sua jornada terrena, entre sofrimentos, problemas e energias desgastadas, sentindo-se crucificado, como o Senhor, não só sobre a cruz da dor mas também sobre aquela de uma visão do falimento de toda a obra, de toda a “sua” obra, “praticamente já exposta a um total fracasso em uma parte essencial do seu Instituto... e com as forças muito decaídas da Congregação mesma, que seria vão tentar de fazer revitalizá-la...”, (PMA VIII, 2132) Padre Marco pede e suplica, como sempre fez, que as autoridades assegurassem “a continuação da paterna religiosa sobre-vigilância que tanto interessa à juventude”. Como Jesus se confia e confia a Obra ao Pai. Era a juventude que os interessava e é a ela que devem garantir todos os cuidados, e é para a salvação dos jovens que se deve dar toda a vida e todo de si mesmo. Esta é a caridade de Cristo que o moveu durante toda a sua jornada terrena. Esta é a lição que ele dá a todos aqueles que hoje não creem mais na educação da juventude, vivem com medo a “sobrevivência” das obras para a juventude e não tiveram a coragem de ousar, impulsionados pela caridade maior que é o dar a vida, aquela caridade que faz de tantos “pobres filhos dispersos” uma família de “queridos filhos”.

Não obstante toda a sua peregrinação Marco não caiu no ativismo exasperado e autorreferencial, nem tanto menos no culto da auto realização a todo custo. Não pensava a si mesmo, somente serviu e muito trabalhou, como o último dos “servos inúteis” do Evangelho, amou na simplicidade de coração a juventude, fez da oração, como sentimento constante da presença de Deus, Padre Bom, a fonte daquela alegria que transmitia a todos e que faz os santos na Caridade. Não temos dúvidas que tenha sido o Padre Marco o instrumento na mão do Senhor que impulsionou e

convenceu o Padre Antonio a dedicar-se com ele, para fazer o catecismo às crianças, para iniciar o ensinamento para alguns meninos pobres e para lançar a primeira pedra da aventura das Escolas de Caridade para os meninos e meninas. Padre Marco é como o motor de partida de cada iniciativa que o irmão, junto a ele, levou em frente com ilimitada confiança em Deus e com obstinada e paciente perseverança em meio a milhares de dificuldades. O fim é claro, Padre Marco o entrevia com simplicidade desarmante e o perseguia usando os meios mais adeptos com prudência e engenhosidade. Inventava sempre alguma coisa de novo com lúcida intuição pedagógica: novas matérias a serem estudadas, encontros e retiros, férias organizadas e alegres, conferências dominicais, a Casa do Trabalho, a biblioteca, publicação de vários livros... em fim se fez “vendedor” de livros, a boa publicação! Todos instrumentos exteriores de comunicação e solidariedade, não aparatos sem alma ou máscaras de fraternidade e paternidade. Cada estrutura, edifício, livros, pátios, biblioteca, oficina... para Padre Marcos, devia ter uma finalidade clara e um significado preciso, devia oferecer razões de vida e de esperança, devia ajudar na obra de educação, devia encaminhar à santidade cristã. Criou um “estilo Cavanis” de comportamento cujos traços fundamentais se encontram ainda nas Constituições da Congregação das Escolas de Caridade: gratuidade, humildade, alegria do coração, obediência como escolha livre de fazer em tudo a Vontade de Deus, caridade sobrenatural, força do consenso por parte dos jovens, fundado sobre a confiança e sobre o amor, realização. É uma espiritualidade alegre na medida de cada educador. Sempre e somente “confiando-se nos braços amorosos da Providência” que “proíbe” ao cristão, não obstante as dificuldades, o afã, a preocupação para o amanhã, a ânsia e o medo e exige realismo e clareza: “Não serve esperar uma mudança da sociedade, sem preocupar, como convém, a juventude. Digo, como convém, porque não basta fazer qualquer coisa, isto se faz em muitas partes; é necessário usar os meios mais adequados para conseguir a finalidade”. E é nos meios necessários e melhores que Padre Marcos procura, escuta, investe! Contemplativo sempre em ação, feliz no desmascarar as contradições que obscura a vida da sociedade e da Igreja. Diz o Senhor: “Os pobres sempre os tereis com vocês”. Padre Marco provou “come sabia subir, descer e sair às escadas dos outros” para procurar ajudas para os necessitados. Já naquele tempo, na metade do século XIX, os nobres e as pessoas facultosa começavam a abandonar Veneza “praticamente se habituaram de permanecer

quase todo o ano junto a seus bens no interior e se tornam quase forasteiros à sua Pátria” (PMA VIII, 2126). Precisava procurar em outro lugar, Caritas Christi urget! Sobe e desce as escadas do poder por amor à liberdade, para libertar a escola das pastore das mudanças políticas e sociais, para libertar a escola de quem não a vivia como uma missão, uma paixão cristã, para libertar e prevenir os jovens do “contágio do mundo”, para fazer do dinheiro um meio de solidariedade autêntica e para produzir uma série de “investimentos responsáveis” no campo da educação! “Espinhas de todos os lados, mas não me preocupo. A guerra é do diabo a causa pela lutamos é de Deus e isto nos basta... A juventude é preciosa como o Sangue de Cristo”! (PAA III, 469) Para poder ajudar e dar a sua vida, em um dia de carnaval se abandonou completamente no Senhor e fez da vontade do Senhor o seu único ideal. Para recuperar “pobres filhinhos e pobres meninas adolescentes” vendeu todos os seus bens. Teria querido ir até a outra parte do mundo para ajudar a todos fazendo-se tudo para todos e girou de alto a baixo e de todos os lados a Itália para encontrar alguma ajuda! Não lhe bloquearão o peso os anos, os problemas das viagens, as promessas de ajuda que jamais se realizaram, a pobreza ou a distância da sua amada comunidade. Somente a enfermidade o dobrará definitivamente encontrando-o pronto para o encontro com o Senhor: vem administrador bom e fiel, vem na alegria do teu Pai.

“A ajuda virá de onde menos esperamos e ainda uma vez caminharemos pelas estradas do impossível”!

Hoje mais do que nunca a morte de um só homem é toda a morte, o abandono ou a violência sobre uma criança e sobre uma jovem é o abandono e a violência sobre toda a juventude e sobre toda a infância. É tempo de retornar à diaconia empenhada, praticada por Padre Marcos. É tempo de unir as forças e de redescobrir que cada educador deve assumir o empenho e a missão da educação, com a coragem de ousar de Padre Marcos Cavanis com aquela genial e divina intuição da “amorosa sobre-vigilância”, do “fazer companhia” que é prevenir e muito mais do que o simples prevenir. Estar juntos, ser visto e sentido presente! Também quando a cegueira os impedia de ver os rapazes, queria escutá-los e estar em meio a eles porque se eles não podiam vê-los “porém eles me vêem”, dizia. Basta que um jovem tenha necessidade para ter direito à companhia paterna, alegre e gratuita de Padre

Marco e à educação cristã! Sempre incansável porque: “ubi amator, aut não laboratur, aut labor ipse amator”, quando si ama não si cansa, ou melhor se ama o cansaço. Padre Marcos “magnus coram Domino” fazendo aquilo que o Pai do céu quer e “do modo que Ele quer que seja feito”! Padre Marcos se perguntava há duzentos anos atrás: “Porque entre os eclesiásticos nenhum se move? Queixar-se somente, não serve. Aquilo que é necessário, isto é, dedicação, não existe. Em vão espera boa colheita quem não semeia no tempo certo” (PMA VII, 490). Hoje, jovens e crianças continuam a estar em risco e poucos, muito poucos são aqueles que se dedicam de alma e corpo a eles, não obstante todas as “escolhas preferenciais” tanto propagandeadas e pouco realizadas. Diria o sábio Dante: “Sejam, cristãos, movendo-se mais conscientes de sua importância:/ não sejam como as penas a cada ráfaga de vento, / e não acreditem que cada água lhes lava” (Paradiso, V, 73-75). Padre Marco dizia que os lamentos não resolveram nada jamais; necessita-se olhar adiante com serenidade, confiança e esperança crer sobre tudo na força da graça que vem do Senhor, decidir e decidir-se à ação. Para Padre Marco o dia era demais curto para ser egoísta. Gli bastava ser a lâmpada que se consome sem pedir nada em troca. A estrada é aquela: confiar sempre mais em Deus, desconfiar de si mesmos, porque muitas vezes o eu se ilude de ser aquele que não é e se considera o melhor ou o mais necessário e, de novo considerar-se como sempre fez Padre Marcos: “o último, aquele que fazia menos de todos e que arruinava tudo”. A estrada ou o “meio mais adequado”, como diria Padre Marcos é unir as forças, reencontrar a sinergia e a complementariedade entre famílias e instituição, entre escola e sociedade para uma “amorosa sobre-vigilância”, para um relacionamento pessoal de guia aos valores cristãos e de paterna gratuita proteção, para uma socialização fundada sobre ligações de amizade e de afetuosa e alegre familiaridade seja no recreio, como também na escola ou no trabalho. Não é verdade, nem menos hoje, que a família e a educação são já arcadas pelas cordas arrebitadas, como muitos pregam, ao invés, tem ainda imensos recursos de graça para crer, esperar e agir. Gozam, sobre tudo, da confiança do Senhor que é absolutamente confiável! Como os poucos soldados que sobraram a Gedeão, hoje são necessários educadores que não procuram compensações na educação e formação do coração e quem se contentam de um pouco de água recolhendo com a mão, na medida em que se dedicarem. O Padre Marcos cita a Escritura: “Tenho um belo grito: Si quis est Domini jungatur mihi” (PMA VII, 1825).

“Faça-se escutar uma voz piedosa a qual repita aos jovens, suavemente: appropriate ad nos indocti, et Congregate vos in domum disciplinae.” (PMA VII, 1825)

“O justo sempre será lembrado”

Isto é o que encontramos escrito no necrológio da Congregação no dia 11 de outubro de 1853, Dies Natalis (aniversário de morte) do P. Marco Antonio Cavanis. E na capela do Instituto em Lendinara (RO) no ano de 1853, sobre o defunto P. Marco foi escrito o seguinte:

in mente sapientia... na cabeça sabedoria

in corde firmitas... no coração fortaleza

in ore veritas... na boca verdade

in opere charitas... em suas ações caridade

in omnibus sanctitas... em tudo a santidade

perpetui eluxere... sempre resplendente.

O dia 10 de novembro de 1853, na paróquia de Santa Maria do Rosário, na ocasião do trigésimo foram colocadas 18 faixas (cartazes) com citações bíblicas que delineavam a figura e a obra: “O Espírito do Senhor repousa sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres” (Lc 4,18). “Farei surgir um sacerdote fiel, que fará o que eu quero e desejo” (1 Sam 2,35). “Ele doou com generosidade aos pobres: sua justiça permanece para sempre” (Sl 112,9). “Eu era os olhos do cego e os pés do coxo. Eu era o pai dos pobres. (Jó 29, 15-16). “Deixem as crianças vir a mim. Não lhes proibam porque o Reino de Deus pertence a quem é como elas.” (Mc 10,14). “Filhos, cheguem perto e me escutem: vou ensinar a vocês o temor de Javé” (Sl 34,12). “A misericórdia do homem é para o seu próximo, [...] Ele repreende, corrige, ensina e dirige, como o pastor conduz o seu rebanho. (Eclo 18,12-13). P. Marcos com a sua vida missionária entre os jovens e preocupações do sustento da obra das Escolas de Caridade deixou nos seus contemporâneos a marca da sabedoria, da firmeza, da verdade, da caridade, uma palavra da santidade e continua hoje a fulgurar também

para nós e a ensinar-nos como sermos bons educadores. A todos os jovens e educadores ensina:

- **arte dos pequenos passos.** A educação da mente e do coração dos jovens é um caminho longo. Um passo depois de outro em direção à meta é muito mais eficaz do que uma corrida desenfreada e cansativa que perde os limites “e bordas da estrada.

- **com o dinheiro podes comprar um livro,** mas não a consciência e a sabedoria. Quantas famílias identificadas somente com os bens materiais que possuem revelam as suas misérias e não a fortuna de terem sido crescidas no amor, sobre valores autênticos, sobre o trabalho e sua generosidade.

-simplicidade e grandeza. Agir sem estrelismo ou auto-exaltação, e que a “mão direita não saiba o que faz a mão esquerda”, unindo bondade, prudência, cautela também no fazer o bem, porque “quem se unge de muito mel será lambido pelos ursos”.

- não “esposar” facilmente os modelos que são propostos pelo mundo. O viver segundo a exigência primária do Senhor e da moralidade deve ser um programa pessoal de vida e de juízo para todos, pequenos e grandes.

- caminhar sempre avante. Enfrentar os problemas cotidianos com realismo e fé. Comunicar de modo transparente serenamente determinado, sem jamais sacrificar a clareza e o respeito. Se pode aplicar ao P. Marco aquilo que o seu irmão P. Antonio deixou escrito em uma de suas reflexões sobre o texto do Evangelho de Mateus “Toda árvore que não dá frutos bons será cortada e queimada”:

- toda: Nem mesmo apenas uma árvore no campo do Senhor serve apenas para fazer sombra.

-dá: o texto não diz “deu”, mas dá, aqui e agora.

-frutos: não está escrito “flores ou folhas”.

- bons: não foi dito “tantos”, mas bons! P. Marco Cavanis é uma árvore boa que continua a dar frutos bons. “Os que ensinam a muitos a justiça brilharão como estrelas para a eternidade”

O nosso tempo precisa de modelos autênticos e credíveis, de heróis na tempestade da educação da escola, de verdadeiros pais da juventude. Os jovens também hoje: “petunt panem et nun est qui frangat eis!” Os santos “jamais passam de moda”, são sempre contemporâneos e não são importantes pelo culto que recebem no tempo, mas pela mensagem que nos transmitem e que refloresce em cada estação. Os santos jamais morrem na memória amorosa das pessoas e conservam ao longo dos séculos a força e a simplicidade do Evangelho. Assim são os nossos veneráveis P. Antonio e P. Marcos Cavanis. A Igreja ainda hoje apresenta o exemplo deles como modelo de vida para que muitos se inspirem neles para a missão educativa. Padre Tonino Bello assim se inspirava em seu professor da escola elementar: “Quando eu voltava para a minha cidade, ia encontrá-lo. Ultimamente estava encurvado, e lhe tremiam as mãos. Mas para mim é o mesmo professor de outros tempos. Encontrá-lo é um dever de gratuidade. Mas, sobretudo conduzido pela esperança... Cada vez que eu o deixava, sentia de haver-lhe roubado expressões de mistério. Aquelas expressões que na escola nos subtraía voluntariamente, sem que percebêssemos. Sim porque ele tinha a incrível capacidade jamais nos explicar tudo... não era doente de onipotência cultural... Talvez a grandeza de meu mestre estava toda aqui. A sua capacidade de comunicar mensagens profundas mais com o silêncio do que com as palavras, de trabalhar sobre questões legítimas, de jamais tirar conclusões para todos, de construir ocasiões de crescimento recíproco, de aceitar as diferenças como um dom, de reter nos seus jovens a autoridade de uma forte capacidade projetiva, de dar mais peso a esfera relacional que aquela obstrucionista, de interpretar a escola como um jogo, como uma festa na qual o primeiro a divertir-se era ele... Desejo a todos os professores, catequistas, educadores que os vossos jovens experimentem de vocês os mesmos sentimentos que experimentei do meu velho professor da escola básica... Os vossos jovens de hoje um dia virão a lhes fazer visita. Sim porque mesmo se tornarem-se grandes expoentes do saber ou do trabalho, voltarão a vocês para recuperarem aqueles fragmentos de mistério do qual ainda não encontraram explicação em nenhuma parte”.

P. Bernardino da Siena, relator na Causa de Beatificação e Canonização dos Sacerdotes, Veneráveis Servos de Deus os irmãos Antônio Angelo e Marco Antonio Cavanis assim escreve na “Informatio”: “Os dois irmãos deram um raro exemplo de santa unanimidade nos pensamentos e nas obras e se distinguiram por uma intensa

vida interior não menos pela ardente caridade que os animava o zelo na efusão da sua paternidade espiritual para com os jovens, especialmente pobre. Com a gratuidade de suas “Escolas de Caridade”, abertas indistintamente a todos, eles receberam o mérito prodigioso de antecipar a moderna osmose das várias classes sociais. Para esse fim eles enfrentaram, com generosa coragem humilde e constância, longas contradições e muitos sacrifícios”. Em uma escola para os pobres, os ricos se querem podem sempre entrar, em uma escola para os ricos, os pobres, mesmo se querem não podem entrar, diziam os Cavanis. O relator assim continua: “Uma tamanha causa que ainda hoje parece de grande atualidade seja porque com a sua incansável constância nas contrariedades dão um exemplo corajoso a quantos se dedicam a educação cristã da juventude; seja porque com as suas vidas primeiro de leigos e depois de sacerdotes e religiosos são um enérgico chamado à união com Deus e a oração, como condições indispensáveis para um verdadeiro testemunho cristão e um fecundo apostolado”.

Para os Cavanis a oração era “união constante com o Pai do qual procede toda paternidade no céu e na terra” e assim rezavam: “Te peço, ó Pai, a graça de poder sempre rezar”. “Vivem de oração e não podem viver sem a oração”. Assim diziam deles. Foram “homens de oração”. Habitados a viverem com os jovens não fizeram a eles grandes discursos sobre a oração, mas viveram de oração e ensinaram a rezar rezando. Foram absorvidos da oração com um estilo de vida sereno e sempre esperançoso. Rezaram ininterruptamente, humildemente, com o coração. A oração foi a sua companheira de vida ao longo de toda a jornada, infundindo luz a mente, fervor ao coração, paz interior. Afrontando grandes sofrimentos e desilusões souberam que a melhor defesa é a oração: nenhuma oração e nenhuma lágrima se perdem diante do Senhor. Rezar é o dom do Senhor, é graça, mas a assiduidade na oração é também fruto de exercício e dedicação e a assiduidade transforma a oração em paz interior e conforto. Segundo o pedido de São Paulo “rezem em todos os lugares” (1Tm 2,8) na escola, nos pátios, em viagem. Se a ação ou o lugar nos afasta da oração tem alguma coisa que não funciona na ação, e não na oração mesmo que interior ou exterior. Viveram concentrados na oração em meio a mil ocupações. Tiveram o silêncio dentro do coração. Que silêncio, como dizem os padres da Igreja, “é a mãe da oração” e deste silêncio interior aprenderam a rezar. Com a oração alcançaram a força para:

- responder com força corajosa a vontade do Pai com desapego, renúncia e abnegação perseverante. “Seja feita louvada e eternamente exaltada a justíssima, a altíssima, e a amabilíssima vontade de Deus Pai em todas as coisas”;
- fazer uma escolha dos pobres aos quais permaneceram fiéis toda a vida;
- uma fidelidade a Igreja e às orientações dos Papas em tempos muito turbulentos;
- uma forte e contínua vida de virtude e de missão que exigiu heroísmo e o martírio de mais de cinquenta anos em meio às crianças e jovens;
- um amor apaixonado ao Crucificado e a Eucaristia, verdadeiros “modelos” para todo educador, porque educar é “dar a vida”;
- uma filial e confidente devoção a Nossa Senhora, Mãe e Mestre de toda a sua obra.

O P. Bernardino de Siena assim conclui a “Informatio”: “Por isso esperamos que sejam apresentados pela Santa Igreja para a imitação de todos os fiéis... e que quanto antes possam ser elevados à honra dos altares. Nos trarão grandes vantagens espirituais as dioceses venezianas, a diocese e à cidade toda de Veneza... os muitos admiradores e devotos, as agremiadas multidões de alunos e ex-alunos dos seus institutos; às muitas famílias que na continuidade do seu trabalho experimentam a fecunda santidade dos dois Fundadores; e em geral todos aqueles que se dedicam a educação cristã da juventude. Mas, sobretudo, trará particulares vantagens à Congregação das Escolas de Caridade por eles fundada, porque os seus membros terão efficacíssimo estímulo para maior santidade, a um zelo sempre mais generoso e indefeso, a uma iluminada fidelidade ao seu espírito para a salvação da juventude assim necessitada de educação cristã e de exemplos estimulantes”.

A nossa sociedade é “sem pai e sem paternidade e maternidade”. A dedicação a causa da educação paterna e familiar é urgentíssima para fazer frente à expansão do medo e do abandono da juventude e da violência contra as crianças e as famílias com o exemplo forte dos santos. “Sem primeiro colocar o fundamento não se pode construir um edifício que dure; sem semear as sementes em oportuna estação, não se pode esperar a consoladora colheita; e sem dar forma a argila, mesmo que seja mole, não é possível esculpir um modelo. Por isso mesmo é o ministério mais abandonado de todos, e eu considero, infelizmente uma suficiente e triste

experiência. Mas, tal assim perigoso abandono, o qual perece a grande maioria dos jovens porque se deixa perecer, põe um estímulo muito forte em quem ama a Deus e o próximo a fazer de bom grado todo esforço para remediar, quanto é de si, a negligência de tantos”. (PMA VII, 1824)

Com a santidade os Cavanis convidam os jovens: Venite filii audite me, timorem Domini docebo vos. Justamente considerados como “heróis da liberdade da escola”, da liberdade da família e da Igreja no espinhoso campo da educação cristã da juventude. Os veneráveis irmãos Cavanis dizem aos educadores e pais: não vos arrependeis, perseverai, procurai novamente como estímulo e motivação a paternidade de Deus. Verdadeiros pais da juventude: padroeiros e modelos para os pais e educadores, para os professores e para quantos se dedicam a defesa e a promoção, ao sustento da infância e da juventude. Por fim atardinha abriam a sua pobre “casetta” (casinha) aos jovens ou ex-alunos que não sabiam onde andarem: era a “Companhia das tardes”. Antecipadores proféticos da educação e da instrução também das crianças e dos jovens e da preparação de um pessoal adequado para esta tarefa difícil mas extremamente necessária.

Educadores serenos e seguros, transmitiram graça e segurança. Educadores sábios viram e proveram as necessidades espirituais e materiais dos “filhos dos outros”, mas seus filhos de coração. O pai e a mãe vêem e prevêm segundo o exemplo do Pai Celeste. Trabalhadores incansáveis, sacerdotes e religiosos íntegros e fiéis para toda a sua longa vida, fiéis ao Senhor e a juventude. É esta fidelidade à educação da juventude o caminho da santidade deles. Desejaram apenas uma coisa na vida, isto é: santificar-se dando tudo de si mesmos e dos seus bens para a “juventude pobre” e para a educação cristã. Educadores de incondicional dedicação promoveram ambientes sãos, condições aptas ao estudo e a recreação, para formação moral e civil, preparando não o futuro para os jovens, mas preparando-os para afrontarem o futuro. Tornar-se adulto não quer dizer crescer e ter filhos. Isto é simplesmente envelhecer. Os Cavanis sempre permaneceram jovens de espírito com os jovens: “Basta que um jovem tenha necessidade de educação para que tenha direito em nossa obra gratuitamente. A quantidade dos recursos necessários para andarem ao encontro das crianças deve ser grande como são grandes as suas necessidades”.

Em tempo de crise de paternidade, em tempo de orfandade e dificuldade de assumir o amor paterno e materno com toda a sua riqueza, no tempo que é difícil combinar a ternura desejada com a capacidade de estabelecer aquilo que é certo, aquilo que é claro, aquilo que é regra de convivência social e civil, em tempo de crise e de cansaço de todos os educadores e professores, de quantos que se dedicam de uma forma ou de outra à juventude, é de grande importância apresentar modelos verdadeiros de santidade paterna e materna que não sejam pais segundo o sangue, mas que sejam pais e mães dos filhos de Deus “Estes não nasceram do sangue, nem do impulso da carne, nem do desejo do homem, mas nasceram de Deus”. (Jo 1,13).

Ser pai, ser mãe. Não fazer o ser pai ou o ser mãe: uma tarefa impossível. Para ser pai e mãe não é certamente suficiente a capacidade fisiológica. A capacidade fisiológica te faz gerador de uma outra vida, (pai e mãe segundo a carne). A falta da figura paterna e materna, hoje mais do que antes, conduz a criança em uma vida sem referenciais nos quais inspirar-se, sem alternativa, sem busca de futuro, sem sentimento de filiação. Paternidade e maternidade são incompatíveis com a mediocridade. A caridade que nasce do coração paterno de Deus “terminará somente só quando terminarem os sofrimentos dos pequenos e dos pobres... Quem dirige as escolas são professores, quem dirige as Escolas de Caridade são Pais... e os meios que são usados levam todos a marca do afeto paterno”.